

SESSÕES DO PLENÁRIO

6ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 6 de maio de 2022.

PRESIDENTE: DEPUTADO ADOLFO MENEZES

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao advogado e cônsul da Costa do Marfim na Bahia, Carlos Eduardo Sodré, nos termos da Resolução nº 2.023/2022, proposta pelo deputado Roberto Carlos.

Convido para compor a Mesa o Sr. Proponente da sessão, deputado Roberto Carlos (palmas); o Sr. Secretário Estadual de Segurança Pública, Ricardo Mandarino, que neste ato representa o governador Rui Costa; o Sr. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, desembargador Nilson Soares Castelo Branco (palmas); o Sr. Coordenador Criminal Pedro Bahia, que neste ato representa o defensor público-geral, Rafson Ximenes (palmas); o Sr. Vereador da cidade de Salvador Randerson Leal (palmas); o Sr. Secretário de Justiça do estado do Piauí, Carlos Edilson (palmas); o Sr. Secretário do sistema prisional do Amapá, representando o Conselho de Secretários de Justiça e a Administração Penitenciária do Brasil, Lucivaldo Costa (palmas); o Sr. Desembargador Lourival Trindade, ex-presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia (palmas); e o Sr. Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o acadêmico Joaci Góes (palmas).

Solicito ao deputado Rosemberg Pinto, líder da Maioria nesta Casa, para conduzir a este recinto o Dr. Carlos Eduardo Sodré.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

Neste momento, ouviremos a execução do Hino Nacional pela desembargadora Gardênia Pereira Duarte, acompanhada do clarinetista subtenente Moisés Maia e do tecladista sargento Enoque Dias, da Banda de Música Maestro Wanderley da Polícia Militar da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

Parabéns, querido homenageado Dr. Carlos Sodré. Que Deus o ilumine, como sempre.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido a Sr.^a Presidente da OAB da Bahia, Dr.^a Daniela Lima de Andrade Borges, para compor a Mesa. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Concedo a palavra ao proponente da sessão, nosso colega deputado Roberto Carlos.

O Sr. ROBERTO CARLOS: Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Adolfo Menezes; Sr. Secretário Estadual de Segurança Pública, Ricardo Mandarino, que neste ato representa o governador Rui Costa; Sr. Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, desembargador Nilson Soares Castelo

Branco; Sr. Coordenador Criminal Pedro Bahia, que neste ato representa o defensor público-geral, Rafson Ximenes; Sr. Vereador de Salvador Randerson Leal; Sr. Secretário de Justiça do estado do Piauí, Carlos Edilson; Sr. Secretário do sistema prisional do Amapá, representando o Conselho de Secretários de Justiça e a Administração Penitenciária do Brasil, Lucivaldo Costa; Sr. Desembargador Lourival Trindade, ex-presidente do Tribunal de Justiça; Sr. Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o acadêmico Joaci Góes; Sr.^a Presidente da OAB da Bahia, Daniela Lima de Andrade Borges; Sr. Advogado e Cônsul da Costa do Marfim, e homenageado, Carlos Eduardo Sodré, (lê) “minhas senhoras e meus senhores, esta Casa tem prestado inúmeras homenagens ao longo do tempo buscando reconhecer os serviços prestados à Bahia, reverenciando também figuras que engrandecem a nossa terra pelo que são e pelo que fazem em favor do nosso estado e do nosso povo, de todos os matizes ideológicos e de diferentes grupos políticos e partidários. É uma atitude deste Parlamento, que através de seus integrantes – representantes do povo baiano –, procuram interpretar o sentimento de gratidão e de justiça de nossa gente.

Comungando desse mesmo espírito, tenho, no exercício dos meus mandatos, procurado também distinguir pessoas da vida baiana que considero merecedoras desse reconhecimento. Honra-me sobremaneira a oportunidade, nesta manhã solene, de assomar nesta tribuna para saudar o ilustre homenageado, que recebe, por incontestável mérito, a mais alta honraria concedida por este Poder, que é a Comenda Dois de Julho.

Na condição de proponente, empenhei-me na apresentação do Projeto de Resolução nº 2.886/2020, mas somente com o apoio dos meus pares, a quem agradeço, tornou-se possível a aprovação do projeto de concessão da Medalha do Mérito Dois de Julho, por acreditarem, assim como eu, que a trajetória de vida do nosso condecorado – que, com o seu trabalho, engrandece e contribui para o desenvolvimento do nosso estado –, de fato, merece o aplauso da nossa sociedade.

Por isso, Sr. Presidente, Srs. Deputados, senhoras e senhores presentes nesta solenidade, esta sessão especial de nossa egrégia Assembleia Legislativa a homenagear o Dr. Carlos Eduardo Sodré traduz um ato de justiça que não é superado por nenhum outro, pois homenageia alguém que, por suas qualidades pessoais, profissionais e de homem público, além de sua cultura e competência reconhecida, ostenta uma folha de relevantes serviços prestados ao nosso estado através do desempenho, com indiscutível integridade e grande dedicação, nos vários cargos que exerceu, seja nas municipalidades, a que serviu inúmeras vezes no governo do estado, como também no exercício do cargo de procurador federal. Sem falar na participação em vários conselhos estaduais e federais, bem como, no plano internacional e diplomático, na função de cônsul da Costa do Marfim em nosso estado, por designação do presidente da República daquele importante país africano.

Essa participação, Sr. Presidente, e essas atuações vêm da sua juventude e já somam 6 décadas de serviços prestados à nossa Bahia. Ainda que não seja tardia a homenagem ora prestada a este baiano de Itapé, no sul do estado, entusiasta da reconhecida qualidade de fazer amigos na prestimosidade, um traço importante de

sua personalidade, pois é de conhecimento geral o gosto e o empenho do nosso homenageado em servir a todos que o procuram, especialmente aos que recorrem aos seus conhecimentos e experiência, convém reconhecermos que, de há muito, ele já fazia jus à comenda que ora lhe é conferida, justo a mais elevada de todas as nossas condecorações.

Poucas pessoas passaram pela administração do estado e pela política baiana conseguindo estabelecer relações de tanta cordialidade e estabelecer amizades tão expressivas quanto Carlos Sodré. Ele constrói relações duradouras de amizade, sendo a solidariedade e a lealdade aos amigos conhecidos traços do seu caráter ao lado da honestidade, da paixão pelo trabalho, pela justiça e pela democracia, servindo ao nosso governo – primeiro, ajudando Geraldo Simões na Secretaria de Agricultura; depois, auxiliando Nestor Duarte na Seap –, escrevendo livros e artigos, representando a Bahia nos conselhos da República, onde projetou sempre o nosso estado e demonstrou o seu reconhecido preparo, valorizando a atividade política e solucionando graves problemas na administração pública.

Carlos Sodré, em verdade, sempre esteve preparado para assumir qualquer secretaria de estado e outros cargos em quaisquer níveis de governo, tanto que nas numerosas vezes em que as assumiu interinamente nunca deixou de dar soluções a importantes problemas.

Esta festa que ora celebramos, repleta de pessoas de grande expressão na vida baiana e de visitantes ilustres, dá a medida do acerto da homenagem, pois a deliberação desta nobre Casa de outorgar a Carlos Eduardo Sodré a Comenda Dois de Julho expressa uma deliberação que se respalda no apoio que essas importantes e significativas presenças representam.

Quero registrar dois agradecimentos: primeiro, aos nobres colegas deputados estaduais pelo apoio que me deram na aprovação unânime da proposição da concessão da comenda a Carlos Sodré; segundo, ao presidente desta Casa, Adolfo Menezes, pelo prestígio que confere a este ato, não poupando esforços com a sua equipe – destacando o pessoal do cerimonial – para o brilhantismo desta festa.

Carlos Sodré – jornalista, advogado, político, administrador público, dirigente partidário, escritor, cônsul – chega a esta homenagem por merecimento, assim reconhecido pelos meus colegas deputados. E chega com o aplauso de seus concidadãos, com o respeito de todos e a certeza de que, acima do muito com que contribuiu tanto no plano da vida privada como da vida pública, muito haverá de fazer ainda pelos baianos e pela Bahia!

Muito obrigado a todos que atenderam, prestigiaram e abrilhantaram com suas presenças o convite desta Casa para, a um só tempo, testemunharem este ato de máxima justiça.

Ao Dr. Carlos Eduardo Sodré, cuja vida profissional dignifica a Bahia e o Brasil, nossos sinceros agradecimentos!

Muito obrigado.”

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, convido seus filhos Eleonora e Renato para entregarem, em nome do Poder Legislativo, a Comenda Dois de Julho ao advogado Dr. Carlos Sodré.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Ouvimos a música *Força Estranha*, composição desse talento da Bahia Caetano Veloso executada pela soprano Karina Leal Maia com o acompanhamento do conjunto musical da PM.

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido o acadêmico e presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Joaci Góes, para recitar o poema *Dois de Julho*, do poeta Castro Alves.

O Sr. JOACI GÓES: Sr. Presidente Adolfo Menezes, presidente desta Casa, deputado Roberto Carlos, através dos quais eu cumprimento todos em exercício de mandatos parlamentares aqui presentes; Sr. Presidente Nilson Soares Castelo Branco e Lourival Trindade, o primeiro, presidente atual do Tribunal de Justiça da Bahia, e o segundo, ex-presidente, através dos quais eu cumprimento esta legião de grandes magistrados aqui presentes; através do secretário Ricardo Mandarino, eu cumprimento os integrantes do Poder Executivo da Bahia e de outros estados; e através da nossa presidenta da OAB, a primeira mulher que exerce essa função no estado da Bahia, eu cumprimento todas as senhoras aqui presentes.

Antes, e aligeiramente, de declamar o poema *Dois de Julho*, eu devo dizer que é minha impressão que poucas vezes esta medalha foi conferida com tanta propriedade. E, das qualidades de Carlos Sodré, basta mencionar o olhar para as personalidades que comparecem a este evento, representando um verdadeiro corte transversal do que há de melhor na elite da Bahia.

E coroando este espetáculo, tivemos aqui antecipando, a excelente cantora que encerrou a fase musical, a interpretação do Hino Nacional pela desembargadora Gardênia. Devo dizer que, na posse do desembargador Nilson Castelo Branco, a ouvi interpretar o Hino Nacional pela primeira vez, e hoje fortaleci a convicção de que foi a melhor interpretação que, até hoje, ouvi do Hino Nacional ao longo da minha já longa existência. (Palmas)

E dizer aos senhores que eu mantenho a minha irresignação já declarada tantas vezes, inclusive aqui, com a presença do ex... aliás, desembargador aposentado – não existe ex-desembargador, desembargador é aposentado, uma vez desembargador, eternamente desembargador – Eduardo Jorge Magalhães, que foi o primeiro da cadeira do fundo a se levantar para me aplaudir quando eu manifestei minha irresignação pela substituição do nome do aeroporto Dois de Julho para homenagear um jovem político, de excepcional valor, sem dúvida. Mas essa, a meu ver, foi uma falha ainda maior do que a de substituir o nome do governador Otávio Mangabeira por uma marca de cerveja no nosso estádio de futebol.

Portanto, até como presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, eu tenho a obrigação de prestar este depoimento no sentido de exaltar a nossa consciência relativamente à valorização e preservação dos fastos da nossa história.

E sobre o Dois de Julho, eu queria só lembrar que existe uma historiadora baiana, hoje morando no eixo Ilhéus-Itabuna, Lizir Arcanjo Alves, uma notável historiadora. Ela tem um livro que fala exclusivamente da importância do Dois de Julho na consciência dos políticos do século XIX. Para qualquer personalidade de relevo da Bahia, àquela época, era como se fosse um teste da sua maioria fazer um pronunciamento significativo a respeito da importância do Dois de Julho.

E o maior poeta da língua portuguesa e do mundo, na minha opinião e na opinião também do ministro Carlos Ayres Britto, a quem reputo uma das inteligências mais luminosas neste Brasil, Castro Alves (palmas)... a opinião dele, como a minha, é que Castro Alves é o maior poeta do mundo, não apenas da língua portuguesa.

Castro Alves foi acometido da mesma preocupação. Antes de ele produzir a “Ode ao Dous de Julho”, que nós vamos declamar dentro em pouco, ele escreveu cinco poemas. O primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto ele achou que não estavam ainda à altura. E finalmente ele veio com este poema “Ode ao Dous de Julho”, que, na minha opinião, é o poema heroico mais bonito que alguém já escreveu em qualquer idioma.

Façam um esforço para imaginar o cenário. É uma coisa olímpica, não é uma coisa dos homens.

*“Era no Dous de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
Neste lençol tão largo, tão extenso. Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
‘Qual dos gigantes morto rolará?!...’
Debruçados dos céus... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado!
Era o Circo de Roma — o vasto chão!
Por palmas — o troar da artilharia
Por feras — os canhões negros rugiam!
Por atletas — dous povos se batiam!
Enorme anfiteatro — era a amplidão!
Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — diante do passado,
A Liberdade — em frente à escravidão,
Era a luta da águia — e dos abutres,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros,
O duelo da treva — e do clarão!...
.....
Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras*

*Nos verdes leques das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol, ...
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu — Liberdade peregrina!
Esposa do porvir — noiva do sol!...
Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livres sagravas a Colúmbia terra,
Sagravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos do Cabrito,
Um pedaço de gládio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão!...”*
Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Gostaria de registrar as presenças do secretário da Administração do estado da Bahia, Dr. Edelvino da Silva Góes; da secretária da Saúde do estado, Dr. Adélia Pinheiro; do deputado federal Jorge Solla; da Sr.^a Ana Medrado, prefeita de Mucugê; do desembargador Baltazar Miranda Saraiva; do desembargador João Augusto Pinto; da desembargadora Maria de Lurdes Medauar; da desembargadora, primeira vice-presidente, Gardênia Pereira Duarte; da desembargadora Maria José Sales; da desembargadora Aidil Silva Conceição; da desembargadora federal do TRT Dra. Suzane Castelo Branco; do major PM, ex-deputado, Fábio Santana; de Fabrício de Castro, conselheiro federal da OAB; de Maria Rita, Superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce; da juíza Nartir Dantas Weber, presidente da Amab; do Cel. Paulo Cunha; do conselheiro Fernando Vitta; da Dra. Rosemma Maluf, vice-presidente da Associação Comercial da Bahia; de Hélio Duque, ex-deputado do estado do Paraná; do ex-deputado Miguel Abraão; de Pedro Galvão, presidente do Instituto Miguel Calmon; do Cel. Gomes; da juíza Marielza Brandão; do Cel. Castro, ex-comandante da Polícia Militar; do Cel. Demóstenes; de Tales Dourado, diretor do Ibametro; de Silvonei Sales, ex-vereador da nossa capital; de Welington César Lima e Silva, procurador do Ministério Público; de Pedro Rogério Godinho, juiz de direito; do ex-deputado federal, combativo, Elquisson Soares.

Ouviremos a música *Bachianas Brasileiras nº 5*, do compositor Heitor Villa-Lobos, executada pela soprano Karina Leal Maia, com acompanhamento do conjunto musical da Polícia Militar da Bahia.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Assistiremos agora ao vídeo do ex-presidente do Supremo Tribunal Federal e do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Carlos Ayres Britto, saudando o mesmo homenageado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Ouviremos a versão em português da música My Way, do compositor Jacques Revaux, executado pela soprano Karina Leal Maia, com o acompanhamento do conjunto musical da Polícia Militar da Bahia.

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Neste momento, tenho a grata satisfação de passar a palavra ao homenageado, Carlos Eduardo Sodré. (Palmas)

O Sr. CARLOS EDUARDO SODRÉ: (Lê) “Do genial, atemporal e sempre terno Charles Chaplin: *‘A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.’*”

Confesso que me é impossível, diante da força da advertência *charleschaplina*, a ela não me render, ainda que desde tenra idade, nas minhas incursões pelo mundo da literatura e da história, uma assertiva muito expressiva me tenha fascinado. E, dali por diante, vem balizando a minha conduta tanto no plano da vida pública quanto da vida privada, a sentença exemplar e de índole conceitual cunhada pelo grande vulto da história brasileira Joaquim Nabuco, nos ensinando que: *‘Lutam em vão os que lutam pensando na glória’*.

Não foi sob outra influência que a todas as causas em que me engajei sempre devotei o melhor de minhas energias e idealismo, jamais me deixando envolver, destarte, pela ambição de creditar-me os resultados exitosos ou buscar celebrar-me em razão das múltiplas vitórias conquistadas em memoráveis lutas travadas.

Não há que negar que entre esses dois conceitos a minha alma muito se tenha debatido, mas também impende considerar que as compreensíveis fraquezas que acompanham o matizado alvinegro dos cabelos de quem já divisa o poente existencial, e, sobretudo, vencido pela grandiosidade desta homenagem e pelo seu significado, fizeram com que me rendesse à força do pensamento de Chaplin...

A bem dizer, desde há exato meio século quando, ainda estudante e durante 20 sofridos anos de minha vida (de 1970 a 1990), consagrei historicamente, por genuíno idealismo político, de viés (sempre) predominantemente social, por acendrado amor à minha terra, por vocação nunca desmentida para a vida pública – o que, perdoem-me, a imodéstia não desautoriza a confissão –, mesmo desprovido de meios materiais indispensáveis, arrostando graves riscos, mormente a tirania política reinante no estado, busquei com permanente tenacidade, em reiteradas tentativas de notório conhecimento, conquistar um mandato de representante dos meus concidadãos nesta Casa.

A cada pleito estive na liça, combatendo com destemor e renovado ânimo. Lutei muito, servindo e resistindo, para aqui vocalizar as angústias e os anseios da minha gente. Infelizmente, conquanto várias causas e concausas houvessem impedido a materialização desse sonho, isso sempre deixou de se concretizar por diminutos quantitativos de sufrágios eleitorais, surrupiados no mapa totalizador das apurações, por não me pôr genuflexo diante do mandarinato local, rejeitando ignominiosas imposições que a consciência e o sentimento de cidadania me impediam aceitar, repelindo, mais que por cerviz dura, vassalagem ao que não se coadunava com a nossa índole democrática.

Foi assim, portanto, que, inobstante cumprisse – como mandou Hades a Sísifo, diz a mitologia grega – o sacrifício reiterativo de, com jódica paciência e inabalável persistência, como se levar as pedras à cumeada das montanhas, vê-las serem empurradas de cima para baixo, voltar a erguê-las repetidas vezes e presenciar, pelas mesmas vezes, a cruel devolução das pedras ao rés do chão, perseverarei na busca do mandato até que, instado a voltar-me prioritariamente para o cumprimento dos deveres familiares, vi-me obrigado a deixar de lado o sonho de alcançar esta alta tribuna – a maior – da cidadania baiana, ainda que resignado na lição bíblica de que ‘combati, o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé’.

Mas, para concluir esse introito, comporta destacar quão caprichoso é o destino e quanto a vida suscita ironias. Assente que – como se colhe da *vox populi* – ‘a sorte muda, gira o mundo e a roda do destino dá muitas voltas’... E daí a constatação, como se caída ‘como u'a mão na luva’, de que os expedientes malsãos que me impediram que assomasse a esta tribuna como deputado estadual, trazendo os pleitos e conduzindo os anseios da minha gente, não impediram que, pela generosidade dos que a integram à unanimidade, me conferissem a insígnia agora recebida e, com isto, a permissão para ocupar esta mesma tribuna, não para formular algum pedido, antes para desejar que os que aqui representam os baianos mantenham esta Casa permanentemente – acima de tudo – sempre com o foco prioritário na defesa do povo, na linha do que asseverou o eminente ministro Carlos Ayres Britto, em bela e lapidar síntese, como fruto de sua genialidade, a expressão que avulta do espírito democrático que embasa a nossa Constituição Federal, inexcedívelmente mais pétrea que todas as suas outras disposições, e sob inspiração de Tobias Barreto, assim plasmada: ‘*Onde o povo não é tudo, o povo não é nada*’.

Assim é que, estribado na sentença do Pe. Antônio Vieira, de que ‘*a gratidão é a memória do coração*’, aqui venho com o coração nas mãos, Sr. Presidente, dizer apenas aos Srs. Deputados, muito obrigado! (Palmas)

Eminente presidente, deputado Adolfo Menezes, V. Ex.^a, cuja boa vontade, permanente boa vontade, e o desejo de tudo fazer para que esta sessão pudesse ocorrer e, sobretudo, com o brilho que a gente aqui constata, e isso está bem na linha do merecimento em face do seu trabalho profícuo na presidência da Casa; deputado Roberto Carlos, eu o saúdo, mas quero dizer que reservei palavras que adiante vou proferir; Sr. Secretário da Segurança Pública, querido amigo Ricardo Mandarino, que aqui representa S. Ex.^a, o governador do estado; eminente presidente Wilson Soares Castelo Branco, do Tribunal de Justiça da Bahia, e que sequencia, secunda, prossegue um esforço altamente marcado por austeridade, por dedicação em tempos difíceis, que foi o trabalho do ex-presidente Lourival Trindade, que também nesta Mesa nos honra com a sua presença; Dr. Pedro Bahia, representante da Defensoria Pública-Geral; Vereador Randerson Leal, que aqui representa o Legislativo de Salvador; secretário Carlos Edilson, de Justiça do estado do Piauí, tanto quanto o secretário Lucivaldo Costa, e que compõem a representação do Conselho de Secretários de Justiça e Administração Penitenciária do Brasil, que os designou para trazerem o abraço a um velho companheiro de lutas nesses anos todos, na discussão, no encaminhamento das coisas referentes ao sistema penitenciário brasileiro, muita

honra a presença de vocês e os sacrifícios, pelos quais agradeço, de se deslocarem de tão longe em tão pouco tempo; Dr. Joaci Góes, V. Ex.^a chega com a alma renovada dos caminhos de Santiago de Compostela, alma renovada, o coração também e com fôlego ainda para, mal desembarcar, vir aqui nos brindar com a declamação daquele poema importante daquele que, também concordo, é o maior poeta do mundo, que é Castro Alves; Dr.^a Daniela Lima de Andrade Borges, que preside a mais importante instituição da vida democrática brasileira ao longo do tempo, primeira mulher que, com o nosso voto, com o nosso esforço e com o nosso aplauso na campanha e depois dela e, com certeza, até o fim de seu mandato, muito nos honra a sua presença representando a classe à qual eu pertenço, definitiva e permanentemente, porque tudo o mais é fugaz, tudo o mais é passageiro.

As justificativas de que se valeu o ilustre parlamentar, autor da proposição que esta Nobre Casa Legislativa, para sustentá-la, já consignaram, em seu bojo, variados aspectos do meu currículo de vida, também conhecido pelos que acudiram a este evento grandioso, daí por que me dispenso de repeti-las ainda que não precisasse consumir tempo mais extenso para isso, modesto que é.

Nasci quando os escombros da Segunda Guerra Mundial ainda não tinham sido removidos e sepultadas as criaturas humanas que matou, frutos amargos do desvario que gerou a mais irresponsável e cruel catástrofe da história da humanidade. Portanto, fui trazido ao mundo quando os povos de todos os quadrantes da Terra se devotavam ao urgente esforço de reconstrução do que houvera sido destruído. Quando o eco dos estampidos da guerra ainda ecoava, de par com a penosa tarefa reconstrutiva, o mundo vivenciava os horrores do flagelo, e as reflexões dos trabalhos passaram a galvanizar a atenção de todos os povos durante anos, alcançando a nossa chegada à idade da razão, quando, inevitavelmente, haveria de nos envolver e fazer isso compor a pauta de nossas preocupações juvenis.

Venho do interior do estado, da minha querida Itapé, no sul baiano, encravada entre os cacauais das suas áreas produtivas mais densas e o Vale do Rio Colônia, zona de pecuária, das mais importantes da Bahia. Filho de família modesta, três irmãos somos, criados ao influxo de utilíssimos exemplos da vida prática e servidos de ensinamentos preciosos de natureza moral e ética, cujos cânones por nós já transmitidos aos nossos filhos e, por igual, alcançam, graças a Deus, os nossos netos.

Horácio Tolentino Sodré e Maria da Glória Netto Sodré, meus pais, frequentaram apenas a escola primária. Ele sequer chegou a concluir o curso. Eram pessoas inteligentes, generosas, lhanas no trato e que compensavam o que não tinham em conhecimento escolar para nos transmitir extraordinárias lições de vida, que nos serviram providencialmente para balizar as nossas formações pessoal e cidadã e as nossas condutas sociais. Abençoadas aquelas eleições. Foram elas que me trouxeram até aqui, tenho certeza.

A origem modesta, em verdade, não nos acovardou, pois, inspirado em seu homônimo Horácio, pensador romano, meu pai sempre nos ensinou que nada vence o trabalho. E daí porque as atividades laborais, o devotamento ao estudo, a dedicação à família e aos nossos semelhantes nos fizeram as pessoas que somos. Foi assim que

avancamos na vida. Desde cedo, por igual, nos legaram exemplos de solidariedade humana, ensinando-nos que *‘quem não vive para servir não serve para viver’*.

Fiz a minha formação escolar, primária e secundária, em escolas públicas, nas cidades de Itapé e Itabuna. No meu distrito natal, estudei até a 5ª série, passando por professoras dedicadas, sendo a professora Aída Assis Brandão, de inolvidável presença em minha memória, quem me deu, na Escola Góes Calmon, somados aos conhecimentos literários com que me serviu um cultíssimo e generoso autodidata, o coletor estadual ali então lotado, Dagmar Pires de Oliveira Pinto, *‘régua e compasso’* para enfrentar, no Colégio Estadual de Itabuna, o exame de admissão e os cursos ginásial e clássico.

À época, acolhido pelos inesquecíveis tios Carlos Ferreira e Cantídia Netto e seus filhos, foi-me possível cursar o segundo grau, sorte que todos os concluintes do primário, em Itapé, não tiveram, obrigando-os a sustarem a caminhada educacional. Morava com aqueles generosos parentes de segunda a sexta-feira, retornando a Itapé para, no sábado, instalar a minha barracinha de feira e desfrutar os folguedos infantojuvenis aos domingos para, novamente, voltar à rotina escolar semanal, até quando obtive o meu primeiro emprego, passei a ser estudante noturno, exercendo as minhas primeiras atividades remuneradas (repórter de rádio e de jornal) e dar vazão, a partir da política estudantil, à vocação para a vida pública.

Mais adiante, aprovado no vestibular de Direito, fui dar vazão ao outro anseio, certamente o maior e mais efetivo da minha vida, o de tomar-me advogado, cursando a Faculdade de Direito de Ilhéus – um dos embriões formadores da Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna (FESPI) –, de cuja integração nasceu a Universidade de Santa Cruz, que a todos nos orgulha tanto!

Por esse tempo houvera atuado profissionalmente na imprensa, sido secretário executivo da Associação Comercial de Itabuna e secretariado o prefeito municipal de Itabuna, vivenciando experiências que adiante me foram muito úteis.

Concluído o curso de Direito, passei a colaborar na assessoria jurídica da Companhia Telefônica do Sul da Bahia e com as gestões municipais de Itapé quando – lembrado da dificuldade de que padeciam os jovens itapeenses de não poderem continuar os seus estudos em Itabuna, à falta de meios para ali se manterem – liderei um grupo de pessoas abnegadas, educadores e conterrâneos de elevado espírito público e, sob a bandeira da CNEC - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, à frente o saudoso professor Luís Rogério de Sousa, com o apoio do prefeito Horácio Sodré, fundamos o Ginásio de Itapé, no qual também lecionei, realização que muito me fala ao coração.

Aquela semente frutificou e influiu nos destinos de um sem-número de jovens, meus conterrâneos, nos últimos 50 anos.

A política, com a sua força sedutora, me arrebatou. Em 1970, já com algumas intervenções em Itapé e Itabuna, ingressei na luta por um mandato parlamentar, interessado que estava em dar vazão à vocação que nascera comigo para defender as aspirações da nossa terra, que cometia, à época, e continua a cometer a estultice de mesmo quando nadava no *‘ouro do cacau’*, que proporcionava riqueza ao sul baiano, nunca se dedicou a criar uma força política que guardasse relação com a sua pujança

econômica, erro cometido por mera incapacidade de enxergar algo de tão ostensiva clareza, sendo que agora muito agudizou-se essa miopia, reforçada pela prevalência nos quadros políticos regionais de figuras pouco merecedoras de registro, salvo ínfimas exceções, e por aventureiros que para ali acorrem para abastecer os seus alforjes eleitorais.

Data daquele tempo, com o advento do governo do saudoso e honrado governador Roberto Santos, que me convocou, no verdor dos meus 29 anos, para representá-lo, e ao governo, na região, oportunidade em que, com a participação de forças comunitárias, principalmente de Ilhéus e Itabuna e de membros do governo - destaque nisso, por justiça, a figura de um ilheense da melhor qualidade humana e de homem público, o ex-deputado e ex-secretário Jorge Medauar (palmas) - pude influir para carreamos, para ali, importantíssimas obras que ainda hoje são lembradas como marcas, na região, do mandato daquele governante de escol. Excetuando o atual período governamental e seu antecessor, assinalado por obras exponenciais - antes de Roberto Santos, somente os governos de Lomanto Júnior, Luiz Viana e João Durval Carneiro haviam contemplado Ilhéus, Itabuna e a grande região cacauzeira com realizações significativas, a bem da verdade.

Impossível, entretanto, debitar somente à omissão dos governos dos demais períodos a ausência do atendimento das grandes demandas do povo da região cacauzeira, quando muitas lideranças nunca se preocuparam com os pleitos que fossem de natureza coletiva, muito mais gastando o seu acesso às lideranças principais do estado para a busca de coisas menores e muito mais de ordem individual.

Desculpem-me este desabafo, mas ele está preso na garganta do povo da nossa região.

Srs. Deputados, senhoras, senhores, desde 1978, em razão da minha posição política irresignada com a sorte de minha gente, sob tenaz perseguição, vi estreitar-se, no espaço regional, o meu campo de atividades, tanto na política quanto na vida profissional. Por isso, me transferi para Salvador, onde uma maior liberdade de atuação me permitiu sobreviver, ainda que com limitações.

A vida, então, me proporcionou uma nova atmosfera para expandir a atuação firmando-me e granjeando um conceito deveras honroso e prestigioso, profissional e socialmente, estabelecendo relações de amizade, que me dão o direito de proclamar aqui, em alto e bom tom, que eu tenho os melhores amigos da Bahia. Todos estão aqui. (Palmas) Há aqueles que, por variadas razões, não estão neste evento. Há os que também comungam comigo desta conquista, que é um galardão de honra, legítima homenagem, que os representantes do povo baiano ora me conferem, que me alegra compartilhar com todos e com cada qual de vocês! (Palmas)

Lutando, invariavelmente nessas mesmas posições, às vezes, até mudando de partido para não mudar de lado, cultivando relações com pessoas de todos os matizes ideológicos ou *status* sociais e econômicos, sob o pálio da mais absoluta e benfazeja cordialidade, permaneci aqui, atuando até servir por um pequeno período, em Brasília, tratando das coisas do cacau, experiência de boa valia, que me serviria para esta minha última fase, quando ali cumpri vários anos de jornadas importantes junto

ao Consej, Conselho Nacional dos Secretários de Estado da Justiça, Cidadania, Direitos Humanos e Administração Penitenciária, por delegação do secretário Nestor Duarte, e o Departamento Penitenciário Nacional, e dois mandatos no mais antigo Conselho da República, o CNPCP, Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária do Ministério de Justiça.

Chego a este momento da minha vida tendo servido, por seis décadas, à administração pública em âmbitos municipal, estadual, federal e internacional, contabilizando o exercício de secretarias em quatro municipalidades, incluindo a capital. Seis vezes subsecretário de estado na Bahia, com inúmeros períodos de interinidade; por 20 anos, procurador federal até a aposentadoria. Há vários anos, cônsul da Côte d'Ivoire da Bahia, em que permaneço ainda.

Acresça-se a isso a participação em vários conselhos na municipalidade e no estado. Exerci, em tempos recuados, intensa atividade política estudantil, quando presidi o Grêmio Estudantil Antônio Balbino, do Colégio Estadual de Itabuna, de bela lembrança e de saudosa memória.

Desde aqueles tempos, integrei cargos partidários cumprindo funções, como na fundação, ao lado do ex-governador Roberto Santos, do Partido Popular; no Diretório Regional Baiano do PMDB e componentes de sua Comissão de Ética; membro dos diretórios nacional e estadual do PDT, e delegado dessas agremiações partidárias junto ao Tribunal Regional Eleitoral da Bahia

Hoje, sou membro da Santa Casa de Misericórdia da Bahia e também do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, centenária instituição cultural da nossa terra. Todas essas atividades exerci em regime de voluntariado, com imensa honra e muito bom grado.

Tenho até aqui publicado um modesto livro de cunho histórico intitulado '*Por Itapé, tudo!*', homenagem ao cinquentenário da emancipação política de minha terra. Sou cidadão soteropolitano e cidadão itabunense, por outorga das respectivas edilidades; e condecorado, pelo Coronel Castro, aqui presente, com a 'Medalha Marechal Argolo - Visconde de Itaparica', concedida pela nossa brilhosa Polícia Militar do Estado da Bahia.

Interrompo, aqui, essas menções, favorecendo, com isso, a seleta plateia que me circunda e prestigia, poupando-a da extensão do rol das atividades exercidas. Mas, no livro em que se registra a memória guardada de tantas atividades exercidas e convivências que tanto enriqueceram o cabedal das minhas experiências, livro esse que já teve iniciado a sua redação, prometendo-lhes revelações do testemunho e contribuições de importância da vida pública e administrativa do nosso estado e do país, para as quais presenciei ou contribuí, modestamente que o fosse.

Tudo isso faz aflorar o reconhecimento de que a sementeira desprezível, lançada por mim, ao longo da caminhada, terminou por oportunizar surpreendente colheita, cuja mais significativa é o laurel que ora esta egrégia Casa me confere, dando razão à sábia lição que nos legou a doce poeta Cora Coralina: '*O que vale na vida não é o ponto de partida e, sim, a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.*'

Assim, venho eu caminhando desde que deixei a minha pequena Itapé, mantendo viva a promessa e o desejo acalentados por mais de seis décadas de, ao final, para ali tornar, com o propósito de retomar à interação com a natureza, suspensa aos 12 anos, quando saí para estudar fora e dedicar-me à produção literária, sempre postergada. Deus me permitiu que, com a participação da prole e o apoio dos meus irmãos, pudesse, ali, implantar um espaço para viver a última estação existencial e, em paz, poder me dedicar a essas tão almejadas atividades.

Nesse tempo, ouvi muitas vozes que, por vezes, me balizaram ou inspiraram, sempre fiel aos ensinamentos hauridos dos meus pais e dos demais velhos, detentores, sem dúvida do ‘saber de experiência feito’. Busquei, ao longo da caminhada, ser fiel aos valores da honra, aos sentimentos de justiça, ao amor à liberdade e ao próximo. Por isso, me acho sempre enquadrado na lição do grande José Saramago, porque *‘tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que eu fui’*.

Neste ponto, sinto-me em paz com a minha consciência. Penso que fui um bom filho. Tento ser para Eleonora, Carlos Horácio, Gabriela e Renato Afonso e a neta, Giulia, o mais que possa aproximado do que os meus pais sempre foram para mim e para os meus irmãos. Penso que tenho dado aos meus semelhantes o melhor que possa em amor, solidariedade e compartilhamento dos conhecimentos auferidos na caminhada, convicto de que é verdadeiro que ‘a vida dá para a gente o que a gente dá para a vida’.

Ainda não me considero um escritor, é bem verdade, pois a produção de uma única obra não me autoriza a tanto. Mas professo o arraigado compromisso de servi-los, sem tardança, com os livros que eu puder escrever, pois, para isso, passarei a me dedicar em regime de dedicação preferencial, agora que fizeram-me o favor de me devolver o meu tempo.

Pretendo também voltar ao jornalismo, bissexto que o seja, produzindo artigos e comentários sobre variegados temas, ainda que venha a fazê-lo sem o condicionamento da regular participação. Será, sem dúvida, uma boa maneira de contribuir com a difusão de ideias e a oferta das experiências angariadas.

Na advocacia, onde sempre atuei com nímio respeito aos magistrados e coadjuvantes do processo judiciário, incluindo os advogados; com máximo respeito ao juramento com o qual coleí grau, ao final do meu curso de Direito; com dogmática honestidade profissional e fidelidade intransponível aos meus patrocinados e à defesa dos seus interesses a mim confiados; por humildade intelectual, sempre valorizei o entendimento que o merecesse, colhidos dos colegas, ainda que ex-adversus, e, por maior comedimento no desapareço, aos ‘tôcos de vela’ que sempre se empavonam no bailado da vaidade de que se vale a mediocridade para tentar reluzir, preferi, desde cedo, concentrar atenção nos ‘holofotes’ da ciência jurídica, para banhar-me em suas luzes, esteja na galeria dos grandes luminares do Direito ou entre os operadores que me ensinaram a manejar as ferramentas da advocacia e os institutos do Direito.

Nessa altura, meio século depois de ingressado no exercício da profissão, ainda que com o desconto dos hiatos do tempo consagrado a outras atividades não

menos dignificantes e concomitantes, posso dizer que se me fosse dado começar tudo de novo, novamente escolheria o Direito e a horizontalidade com que por ele se enxerga o mundo das criaturas e suas complexas relações e interesses para, por ele, retomar a trajetória, desde o seu começo. Eis a minha vocação maior.

A produção de estudos e pareceres jurídicos serão o lado da advocacia militante e especializada, daqui para diante, mais compatível com a cadência de vida que pretendo adotar. Acredito que haverá de me fazer muito feliz.

A política, certamente, não mais me terá militante de sua infantaria, nem mesmo quadro, em tarefas de estado maior. Os gabinetes governamentais e o que sobrou nos cardinalatos partidários, bem abastecidos de ‘gênios’ da atividade política, não precisarão dos meus préstimos, tão indigentes que são.

Este afastamento não é deserção. Ao revés, é decisão de quem muito já deu em presença e em participação intermitentes e que entende ter o direito de assim agir, atento à recomendação de André Maurois, traduzida: *‘É preciso dar um novo sentido à vida!’* E ainda ouvir, neste passo, o eco da pedagogia vivencial atribuída a Fernando Pessoa: *‘Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre à margem de nós mesmos.’*

No plano dos debates, pior que a indigência de ideias é a ausência delas. O país está enfurnado em dificuldades sociais e econômicas, até aqui sem clareza de superação. A nação está manipulada pelo confronto personalizado e pelo fanatismo dicotomizado, sem que os problemas sejam sequer abordados, quanto mais debatidos. Isso acontece a poucos meses de um pleito eleitoral nacional que ditará os rumos que se terá a seguir, sem falar que as crises institucionais deliberadamente geradas - salta aos olhos - alvejam a democracia, buscando malferi-la de morte. É lamentável, pois o povo, mormente a juventude, parece não se dar conta da natureza funérea desta ação tão deletéria quanto impatriótica.

Considero inafastável que se cobre dos postulantes, além dos atributos da moralidade pessoal e da competência administrativa, que apresentem o seu ideário, os seus planos de governo e a receita que pretendem aviar e aplicar para o enfrentamento das enfermidades sociais, políticas e econômicas do país e do atarantamento de um eleitorado que não pode se conformar com um mero pingue-pongue eleitoral.

Cubro, hoje e agora, o que há 60 anos, nos debates da política estudantil, já cobrávamos: a rediscussão da modelagem político-institucional e econômica do Brasil, assente que a nossa Carta Magna, tão desdenhada quanto a democracia, pelos que ainda não sabem o que é, e os que se esqueceram dos tempos terríveis que enfrentamos no passado por mera ‘nostalgia de chibata’.

Não tomarei o precioso tempo desta plateia que, generosamente, acudiu ao convite para este evento, até porque todos nós, brasileiros, ouvimos - verdade que tantos deles são irresponsavelmente insensíveis - os índices tão vergonhosos como atemorizadores da realidade das nossas combalidas educação, saúde e segurança públicas precarizadas, da infraestrutura insuficiente ou sucateada, da

desindustrialização, do desemprego e até da fome que até ainda mata! Pasmem todos! Porque a indagação contida na assertiva tão excruciante quanto atual de José Américo de Almeida, lançada há quase 100 anos, não foi respondida até hoje: *‘Existe uma miséria maior que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer da terra de Canã.’*

Para mim, para a minha geração e para os que remanescem da grande luta pela redemocratização do Brasil, à qual consagramos o melhor da nossa coragem e idealismo, para dar aos nossos filhos um país restaurado e reconciliado, que o permitisse avançar na grande empreitada de materializar os melhores auspícios e augúrios como os do escritor austríaco, que tanto se apaixonou pelo Brasil, Stefan Zweig, ofertando-nos em sua conhecida obra *‘Brasil, o país do futuro’*, é deveras frustrante e desalentador reconhecer que aqueles frutos que esperávamos colhidos pelos nossos filhos, nem lhes foi permitido degustar. E agora, quando já estamos tão encanecidos, já não nos vemos capazes, como o Sísifo, da mitologia grega, de voltarmos a carregar as pedras até a montanha, na tarefa de quiçá redirecionar os caminhos do Brasil presentemente desenfreado, como que rês tresmalhada, tangida para os abismos do imprevisível ou, em melhor hipótese – valha-nos Deus!!! – para o destino da derrocada anunciada.

Fiz política sempre fiel ao entendimento de que ‘a política é a arte de servir’; e dela, a política, nunca me servi; nela, convivi; e, através dela, conheci grandes figuras da vida pública contemporânea. Conheci e herdei de meu pai amizades com destacados homens da política baiana e brasileira. Do ex-governador Lomanto Jr. – ser humano afável, realizador arrojado, de marcante popularidade entre os nossos conterrâneos – ao eminente ex-governador e homem culto, retilíneo, o professor Luiz Viana Filho – com cuja fidalguia e acolhimento, sempre dispensou tratamento personalizado e lhano –, ao ex-governador Waldir Pires, que – até o fim da vida – me distinguiu com gestos inexecutáveis de consideração, ao ex-governador João Durval Carneiro,...” – que esteve praticamente pronto para vir para esta solenidade, mas compreensivelmente... já até passou, eu o vi no vídeo – (Lê) “ (...) amizade cinquentenária, generosa, que nunca incluiu participação em seu governo; ao ex-governador e professor Roberto Santos, a quem servi com imensa honra e que me abrigou durante quase cinco décadas no regaço da sua amizade e de sua confiança, credor da minha melhor admiração. Há outras importantes figuras, como Virgildasio Senna, Fernando Wilson Magalhães, Ruy Bacelar, Carlos Santana. Murilo Cavalcanti, Wilson Falcão, Francisco Pinto, Roque Aras, Marcelo Duarte, Joaci Góes, Gabino Kruschewsky, Elquisson Soares, Ubirajara Brito, João Carlos Teixeira Gomes, Sebastião Nery, registro que não se esgota porque outros amigos há que também povoarão os meus livros inclusive, com menção a fatos inéditos que protagonizaram.

Dentre aqueles ao lado dos quais ou sob cuja liderança servi – à frente de todos o governador Roberto Santos –, cumpre destacar Geraldo Simões, na Secretaria de Agricultura, cujo legado rico e traduzido pelos planos e programas então formulados, ainda continuam embasando ações da pasta, paradigmáticas que são, e Nestor Duarte, por mais de 10 anos, na Seap, órgão que fundamos,

estruturamos e deixamos com extraordinário acervo de serviços prestados, sem falar que, no plano nacional o sistema penitenciário brasileiro, desenvolvemos uma ação tão expressiva, que a sua gestão goza, junto aos secretários do país, vero prestígio em reconhecimento por muitas contribuições, ainda que seja a atuação interna, no Estado, um rol alentado de realizações de avanços históricos, como a redução significativa do déficit prisional e esforços desenvolvidos em favor da ressocialização dos apenados. A ambos servi com o melhor do meu reconhecimento, total devotamento e máxima lealdade. Guardarei, vida afora, por ambos, acendrada gratidão e a fraternidade de amizades que só fizeram crescer ao longo da atuação compartilhada, que permanece projetando-se indefinidamente para o porvir.

É hora, agora, de arrematar essa laudatória e talvez enfadonha fala.

Exulto, sinceramente, por chegar até aqui. Se por um lado, o tamanho da imerecida honraria me faz tomado por justificada emoção e pela compreensão da significação do laurel – que honrarei e valorizarei na justa medida, eminente presidente – as circunstâncias com as quais o destino se pôs derredor deste momento, por si só, já lhe emprestariam um significado emocionante quando, do olhar volvido ao passado na contemplação da caminhada encetada d’antes, não avultassem registros de uma vida que, embora recheada de vicissitudes e percalços, contabiliza magníficos acontecimentos, conquistas e alegrias. Mais que isso, aqui cheguei com os princípios morais e éticos herdados intactos, com a coerência preservada e sem urticária na consciência, sempre fiel às minhas convicções e aos meus amigos!

Pensando como Bastos Tigre, para quem *‘toda idade tem a sua juventude’*, preconizo ainda caminhar até mais adiante – sobretudo agora quando me preparo para voltar a enredar-me na natureza, onde vivi até os doze anos, e cultivar os ideais que o tempo não fez fenecer, pois, inspirado no extraordinário Pablo Neruda, como ele, somos *‘de uma geração que se recusa a fazer o luto das suas utopias’*, até porque, como explica Mia Couto, *‘o que faz andar a estrada é o sonho.’*

Sr. Presidente, Srs. Deputados, é hora de agradecimentos finais.

Permitam-me dizer que esta Casa do Povo da Bahia tem uma longa e rica história, que é mister sempre fazer lembrar. Tal a opulência da galeria histórica de grandes vultos da vida baiana que por aqui passaram, mas vale lembrar figuras como Josaphat Marinho, Nestor Duarte, Tarcilo Vieira de Melo, Antonio Balbino, Waldir Pires, Ladislau de Azevêdo Cavalcanti, chegando depois a Ênio Mendes, Murilo Cavalcanti, Clodoaldo Campos, Wandick Badaró, Gabino Kruschewsky, Carlos Santana, Filemon Matos, Roque Aras, para mencionar aqueles com os quais cheguei a ter alguma proximidade ou acesso às informações do que fizeram, como tantos outros, na construção da história desta Casa. Dentre esses, avultam oradores de raro brilhantismo que engalanaram os seus anais. Rememorar as suas presenças é talvez divagar no sonho de que para aqui sempre venham homens dignos, inteligentes e de inteligências colocadas a serviço das melhores causas e aspirações do povo da Bahia.

A deliberação desta egrégia Casa de ricas tradições – a maior e mais representativa do povo da Bahia – e dos seus magnânimos e nobres integrantes que, à unanimidade, me outorgaram a Comenda Dois de Julho acolhendo proposição do

eminente deputado Roberto Carlos Leal, calou fundo na minha alma e se fez feliz a mim e à minha família, também alegrou o coração dos nossos amigos, tenho certeza.

O deputado Roberto Carlos, cuja humildade que lhe assinala o temperamento e o estilo, rivalizando com a sua generosidade, virtude esta que bem se coaduna e se harmoniza com a não menos ionosférica generosidade de tantos amigos de toda uma vida que aqui vieram para testemunhar e conferir reluzência a esta festa e ajudar a que, este meu já tão sofrido e vergastado coração, possa suportar o peso das emoções ora vivenciadas que, se me asfixiam a alma, servem, inobstante, para disfarçar a falta de merecimento do homenageado.

Do deputado Roberto Carlos conheço a trajetória desde o seu começo na bela e querida Juazeiro. É uma carreira ascensional, marcante, operosa, dedicada ao seu povo e que não se esgota no exercício do mandato popular porque ainda o faz pontificar e brilhar na seara do esporte, onde a marca de sua capacidade e liderança hoje carrega para a Bahia o olhar admirado dos que, fora dela, dedicam-se ao futebol. O seu temperamento ameno, conciliador, prestimoso, faz dele um ser humano especial, merecedor do nosso apoio e admiração. Desde que aqui chegou, recém-eleito para o primeiro de tantos mandatos, no primeiro momento, estivemos juntos e muito me honra e alegra podermos pelejar muitas lutas juntos e sermos os grandes amigos que somos.

Não será, caro deputado e amigo, o ajudando – eu e os meus amigos daqui – que resgatarei dívida imensa de gratidão que passo a ter com o seu gesto espontâneo de propor esta condecoração, mas empenhando a amizade definitiva e sincera de quem jamais esquecerá esta comovente e inesquecível homenagem.

Agradecimentos de coração às eminentes autoridades presentes, ou representadas, aos eminentes integrantes desta egrégia Casa, ao Cerimonial e aos seus dedicados servidores, aos amigos que aqui vieram ou enviaram as suas mensagens – destacando os que vieram de outros estados, bem sei com sacrifícios e incômodos – aos que atuaram na organização deste evento; à nossa briosa Polícia Militar do Estado, na pessoa do seu comandante-geral, coronel Paulo Coutinho, aqui representado e dos componentes de sua Banda Maestro Wanderley aqui presentes (Cap. Marcelo Sarmento, subtenente Moisés Maia e o sargento Enock Dias), que acompanharam a eminente Sr.^a Desembargadora Gardênia Duarte a soprano Karina Leal Maia que conferiram a este evento o mais elevado grau de riqueza artística e deslumbrante refinamento.”

Joaci Góes já disse da qualidade artística, da interpretação da desembargadora Gardênia Duarte. Algo que o auditório todo subscreveu e eu também.

(Lê) “A Joaci Góes, amigo de toda hora, que opulentou e enobreceu esta festa com o sinal do seu admirável talento de homem das letras que soma, à sua verve literária e aos seus dotes de leitor contumaz, surpreendendo a alguns, a veia artística de quem, sustentado pela memória prodigiosa, é exímio declamador. Obrigado, querido amigo, por sua participação enternecedora para os presentes.

Ao ministro Carlos Ayres Britto...” – que todos ouviram, nos honrou tanto e sei que também a esta Casa – (Lê) “(...) palavras do nosso rico vocabulário são pobres para expressar esse meu agradecimento porque, não já bastasse me honrar

com a sua amizade – ele e sua querida e simpática esposa – ainda vem enriquecer esta Casa com a sua erudição e genialidade, algo que muito nos desvanece a todos.

Rogo-lhes desculpas por me haver estendido, mas como omitir e suprimir considerações que precisavam ser trazidas a esta egrégia Casa, para os seus Anais, justo na primeira e certamente última vez que me seria possível dispor desta tribuna? Demais disso, por cediça amizade e vera admiração ao genial jornalista e escritor baiano, meu amigo de coração, de destacada atuação nacional, Sebastião Nery, ex-deputado neste Legislativo, comporta dizer que ...” – com ele e o faço na presença de Hélio Duque, também, como eu, amigo de Sebastião Nery, e que com sua esposa, Graça, veio do Paraná, também, para prestigiar, tanto quanto os amigos do Sul da Bahia, de Itapé, de Barreiras, de todos os lugares que nós temos amigos, de Feira de Santana e São Gonçalo. Mas Sebastião Nery, comporta dizer com ele que (Lê) *‘O homem é a palavra. O mais é a circunstância. A história é a circunstância. Por isso, a história do homem é a história da palavra.’*

Sei, de saber próprio, dos meus pecados. Mais graves – quem sabe? – ou, mais brandos, como sei dos esforços para reduzir esse contencioso perante o Senhor da minha crença. Talvez os créditos produzidos já possam merecer do Cristo, Jesus, alimentando a esperança de encontrar a salvação, animado com a esperança da sentença generosa, que possa ser inculpida na minha lápide da derradeira morada: *‘muito lhe será perdoado por que muito amou.’*

Nada mais a dizer senão repetir o que tenho dito diante do que o destino me tem propiciado, extraindo de manifestações professadas por Santo Agostinho, muito dele se aproximando o que pregou Mahatma Ghandi e que mereceu o toque de leveza de Clarice Lispector, que me induzem, todos, a poder retornar para o Principado do Estreito d'Água, o ponto da minha origem, tranquilo, feliz, podendo dizer que, após o dia de hoje e diante desta homenagem tão desvanecedora, pronto me encontro para, doravante, *‘viver como se a vida não fosse terminar nunca, mas preparado para morrer amanhã’*”. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. ADOLFO MENEZES: Meus senhores, minhas senhoras, nós já estamos concluindo a nossa solenidade. Farei o meu pronunciamento. É um pouquinho maior do que o de Dr. Carlos Sodré. Mas não poderia deixar de fazê-lo.

Vou tentar junto de um Joaci Góes, que declama daquela forma, e de Dr.^a Gardênia, vou tentar ler alguma coisa de Jorge Amado, Joaci.

Na presidência do Legislativo da Bahia, não poderia deixar de saudar, nessa sexta-feira de todos os Orixás da Bahia, o amigo Carlos Sodré, homem público, militante político, advogado de grande escol e um dos filhos diletos da sua querida Itapé.

Carlos Sodré sempre esteve engajado na causa da democracia e na defesa sem tréguas da garantia da nossa liberdade conquistada duramente com muitas lágrimas e sangue.

Neste momento em que o presidente da República golpeia a todo instante a Constituição e o estado democrático de direito, colocar no peito de Carlos Sodré a

Comenda Dois de Julho, através de grande iniciativa do deputado Roberto Carlos, é também mandar o nosso recado: resistiremos e não retroagiremos. (Palmas.)

E a única arma para a mudança democrática é o voto. E aqui usaremos em 2 de outubro para devolver a esse país dignidade ao seu povo e reabilitar a nossa imagem no conjunto das nações.

Não vou me alongar mais porque o querido Roberto Carlos já disse tudo sobre o homenageado, porém não poderia deixar de citar Jorge Amado e o seu livro *ABC de Castro Alves*. O nosso escritor de *Capitães de Areia* e tantos grandes romances se debruça sobre os versos libertários do nosso poeta do Recôncavo, nascido em Cabaceiras do Paraguaçu. A combatividade, a paixão pela liberdade contra toda a injustiça atravessam o tempo e continuam atualíssimos nos versos do nosso poeta. Ainda mais nesses tempos sombrios de coronavírus e outros vírus.

*(Lê) “Ó pátria desperta
não curves a fronte
que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
Não miras na fimbria do vasto horizonte
A luz da alvorada de um dia melhor?”*

*Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nódoas te são!
Não manches a folha de tua epopeia
No sangue do escravo, no imundo balcão.*

*Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos píncaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante.,
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.”*
Castro Alves no poema *América*.

Resistiremos, não passarão, Carlos, caro amigo, combativo, Carlos Sodré.
“Com tiranos não combinam nossos corações.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Convido, para finalizar, todos os presentes para acompanharmos a execução do Hino da Bahia pela talentosa soprano Karina Leal Maia, acompanhada do clarinetista subtenente Moisés Maia, do tecladista, sargento Enock Dias, e da Banda de Música Maestro Wanderley, da Polícia Militar da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Adolfo Menezes): Em nome da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares, amigos e familiares do homenageado, das Sr.^{as} e Srs. Deputados e da imprensa.

Declaro encerrada a presente sessão.

O homenageado receberá os cumprimentos aqui ao lado, no Saguão Nestor Duarte.

Muito obrigado.
Que Deus proteja a todos nós. (Palmas)

*Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.
Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço
<http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.*